

HISTÓRIA

do Mês

n.º 50 | fevereiro.19

O CABO DE SÃO VICENTE E A RAZÃO DE O MAR SER SALGADO A LENDA DO MOINHO MÁGICO



foto: Ricardo Soares

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE VILA DO BISPO



Município
Vila do
Bispo

O CABO DE SÃO VICENTE E A RAZÃO DE O MAR SER SALGADO A LENDA DO MOINHO MÁGICO

Lenda etiológica com referência ao Cabo de São Vicente, registada em Faro, no dia 21 de janeiro de 2004, por Daniel Gonçalo Batalha da Costa, conforme depoimento transcrito de Olívia Galante, na altura com 45 anos. Trata-se de uma de muitas adaptações de uma antiga lenda norueguesa...

«A história que eu vou contar é uma história antiga. Eu sou da área do Douro Litoral e foi-me contada pelo meu avô e a minha avó quando era... e a minha mãe também, quando eu era pequena. Era uma das muitas histórias que a minha mãe nos contava. E é a história segundo a qual ficamos a saber por que é que o mar é salgado, é a justificação do, do sal que existe no mar.

A história começava com dois irmãos, há muitos, muitos, muitos anos, que viviam numa aldeia, e um deles era rico, tinha uma boa vida, e o outro era pobre. Era pobre e como se não chegasse a pobreza, era casado com uma mulher má, uma mulher insatisfeita com a vida. Certo que sempre que o pobre do desgraçado precisava de ajuda recorria ao amparo do irmão, que prontamente o ajudava. O irmão era rico, porque nas terras que o irmão tinha, tinha uma mina de salitre e, nessa altura, o sal tinha um valor grande, portanto conseguia fazer fortuna vendendo o salitre, para depois se poder salgar os alimentos.

Uma, uma das muitas vezes que o pobre recorreu ao irmão rico, este deu-lhe metade de uma carcaça dum animal. O pobre desgraçado chegou a casa com a metade da carcaça e a mulher desdenhou da carcaça disse que não queria a carne em casa, o melhor era pegar a carne e levá-la ao diabo. E o homenzito, como era uma paz de alma, pegou na carcaça às costas e lá foi à procura do inferno para fazer a entrega da carcaça ao diabo. Andou, andou, andou, até que encontrou um pobre de um homem de aparência pobre, debaixo de uma árvore e lhe perguntou:

– Ó senhor, diga-me lá, onde fica o inferno? Quero lá levar esta carne.

E o pobre disse-lhe:

– Olhe, vá em frente, caminhe em frente. Há de encontrar um portão de ferro, quando lá chegar bata. Vão mandá-lo entrar, mas não entre, entregue a carne e espere que lhe deem a recompensa. O diabo vai-lhe perguntar o que é que você quer, se quer dinheiro. O senhor não queira nada, peça só um moinho velho que está por detrás do portão, um moinho pequenino, velho, que lá está. O diabo que lho dê.

O homem pôs-se a caminho. Andou, andou, andou, até que chegou ao dito portão. Bateu e tudo aconteceu como o velho tinha contado.

Vinha o homem já de regresso com o moinho pequenino, insignificante e a pensar que utilidade é que podia ter semelhante coisa, tão pequena, tão velha, para que é que aquilo serviria. Ao chegar novamente ao sítio onde estava o velho que lhe tinha dado a indicação, perguntou-lhe:

– Ó homem, diga-me lá: mas para que é que serve isto?

E ele disse:

– Ah, esse moinho é um moinho muito bom, porque basta você dizer “Moinho do diabo, dá-me pão” e ele começa a fazer pão.

E, efetivamente, quando ele disse “O moinho do diabo dá-me pão”, muito pão apareceu logo.

E disse-lhe:

– Mas não se esqueça: depois tem que dizer “Moinho do diabo, para”, para o moinho parar. E pode pedir pão, pode pedir dinheiro, pode pedir ouro, pode pedir o que quiser, e o moinho tudo lhe dará.

Pronto, o homem diz que foi, foi contentíssimo, porque levava um, um objeto de grande valor.

E chegou a casa, e a mulher mais uma vez continuou a desdenhar:

– Ó pá, para que é que serve isso? Uma porcaria, tudo velho e tal.

– Ai, mulher, isto é muito bom. Queres ver?

E vá de dizer “Moinho do diabo, dá-me pão” e imediatamente o moinho começou a fabricar pão de muito boa qualidade, de farinha branca e a mulher começou a gritar:

– Para! Para, que já não quero tanto pão! Para que é que eu quero tanto pão!?

E o homem começou:

– Moinho do diabo, para!

E o moinho parou.

Com um objeto daqueles em casa, depressa o homem se tornou um homem rico. E vivia muito bem.

O irmão, que era rico, de repente ficou com a mina... a mina acabou, sem que nada o fizesse suspeitar que iria acontecer. De modo que o coitado tinha uma, uma encomenda de salitre para enviar e não tinha como acabar. E pediu ao irmão se lhe emprestava o moinho, para acabar de fazer o montante da encomenda, para poder receber o dinheiro. E o irmão imediatamente acedeu.

De modo que tomou... O lugar onde iam levar o salitre era muito longe, iam de barco. Puseram-se dentro do barco e pensaram: “Ah! O melhor é levar o moinho. A caminho a gente pede para fazer o sal e o moinho logo faz”. E lá foram.

Quando estavam já perto do sítio onde teriam que fazer a entrega, diz um dos homens:

– Moinho do diabo, dá-nos sal!

E o moinho começou a fazer sal. Fez sal, fez sal, fez sal, e de repente já a barcaça estava cheia de sal e começaram:

– Para! Para! Já chega! Não quero mais!

E o moinho nada, continuava a trabalhar e a fazer sal. E ele:

– Para! Para! Para! Para!

E não há meio de o moinho parar. Ora eles, logicamente, não tinham dito a palavra mágica, que era “Moinho do diabo, para”. Mas eles não se lembravam. Como o sal que o moinho fazia fosse tanto, aconteceu que a barcaça afundou. Afundou a barcaça e juntamente com ela o moinho, que ainda hoje, no fundo do mar, frente ao **Cabo de S. Vicente**, continua a fazer sal, e é por esse motivo que todo o mar é salgado, porque o moinho do diabo ainda lá continua fazendo sal».

Fonte: Daniel da Costa (2004) - “A Razão de o Mar ser Salgado”.
Arquivo Português de Lendas, Centro de Estudos Ataíde Oliveira, Faro, pp. 21-23.

Fotografia: Ricardo Soares (arqueólogo, CMVB)

